

## Weber, o engajado

Dr. Luiz Sérgio Duarte da Silva <sup>1</sup>

[sergio.duarte.ufg@gmail.com](mailto:sergio.duarte.ufg@gmail.com)

Texto recebido em / Text submitted on: 10/01/2016

Texto aprovado em / Text approved on: 30/11/2016

1 - Foi necessário o avanço da filosofia da linguagem (o saber dos códigos situados) e da semiótica (a teoria do signo) sob os auspícios dos estruturalistas para que se redescobrisse Max Weber para além do funcionalismo. Só então a antropologia weberiana (valor em rede de significados é critério para a compreensão da ação) pôde ser assumida como fundamento das ciências da cultura. Tais avanços na fundamentação da teoria e da metodologia das ciências sociais foram produzidos como síntese de uma sociologia histórica cujo objetivo é a compreensão dos processos de racionalização. Este texto constitui-se da exposição da teoria weberiana da racionalização e de sua relevância como fundamentação interessada das ciências da cultura.

2 - Só quando o projeto do saber racional dos fenômenos simbólicos foi localizado como produto positivo e paralelo dos custos socioculturais da modernização (autonomização das esferas de valor) é que o sentido engajado da obra de Marx Weber pôde ser reconhecido. Um tipo de saber que carrega a marca do processo social que o possibilita. Potencial ganho de saber reflexivo que localiza a jaula de ferro como contraponto paradoxal, ou seu objeto: Sociologia e História como terapia.

3 - O procedimento original foi o estudo dos estamentos profissionais encarregados da produção e reprodução de quadros de significação. Uma teoria da cultura - o nascimento do simbolismo - como produção e aprendizado de quadros de significação. Valor como substituição sistêmica. Código como rede praticada de sentido. Construção de regras, gestão de significados, controle de práticas necessárias para o funcionamento de grupos societários que funcionam linguisticamente e produzem institucionalmente. É o estudo conceitual e empírico da ação social produtora e resultado de representações. É a explicação (a forma da explicação nas ciências da cultura é a compreensão) da interação

---

<sup>1</sup>Professor da graduação e pós-graduação do departamento de história da UFG.

condicionada por institutos social e historicamente produzidos. É uma teoria da cultura como teoria do valor.

4 - A distinção juízo de valor e relação a valores só ganha significação forte quando o esforço de rigor (sistematização teórica e controle empírico) é percebido como contraparte de uma escolha básica: aquela que encarrega as ciências da cultura da tarefa de diminuir o espaço das consequências da ação não-reflexiva. Só a responsabilidade radical pode dar a medida de tal tarefa. A tarefa é garantir as condições de sobrevivência dos sistemas refletidos de significação. A modernidade produz a sua defesa através de uma prática terapêutica. Esse é o sentido profundo da teoria da modernidade e da epistemologia weberianas.

5 -Weber produziu um liberalismo modernista como produto paradoxal da história ocidental. A racionalização material não acompanha a racionalização ideal. Mas é essa última que fornece os meios de terapia como história e sociologia. A racionalização tardia e excêntrica da Alemanha (continental e participativa, mas não ativa: exemplo do tipo da modernização conservadora) produziu uma consciência histórica cuja principal característica já foi chamada de produtora de aprendizado resultado de uma especial proximidade com a morte. Sabemos dos riscos da manutenção de tal padrão de condições didáticas. Este é o fundamento da insistência em estratégias argumentativas e em análises que enfatizem a multiplicidade e a pluralidade. Weber possui uma concepção estética do liberalismo. Tudo depende de opinião no mundo da pluralidade de valores. No mundo da luta de todos contra todos devemos diferenciar política da responsabilidade como avaliação das consequências e política radical como ação em busca da defesa de valores absolutos. As condições da vida moderna são em um ponto iguais as da vida tradicional: há um descompasso entre racionalização formal e material. Não há solução perene para nenhum problema do mundo humano, o mundo dos símbolos. A teoria da modernidade(a sociologia), a história da cultura (teoria da racionalização), a sociologia política (organização como ameaça e ganho) e a sociologia da religião (a ideia de salvação como domínio do mundo) são os instrumentos modernos para uma ação política racional.

6 -Racionalização pode ser da ação (com relação a fins e com relação a valores: se pode agir tipicamente em busca de êxito ou de dignidade, mas isso não significa que um tipo

seja mais racional que o outro, pois a simples adequação ou a incoerência são irracionais), das ordens (as instituições podem racionalizar-se formal ou materialmente: isso produz um paradoxo, pois a racionalização material não acompanha a formal) e da cultura (aqui importa níveis de autonomização, diferenciação e especialização das esferas de valor: não se exclui a colonização de umas por outras e a correspondente patologização e enrijecimento de cada uma delas). (Schluchter: *Grundlegungen der Soziologie*. Tübingen, Mohr Siebeck, 2015, 234-272).

7 - A teoria da racionalização weberiana só pode ser entendida à luz da história e da sociologia da cultura que ele produziu em seus estudos sobre a relação entre religião e conduta. Trata-se da pesquisa que produziu a tese sobre a distinção entre os caminhos da racionalização no Ocidente e no Oriente (entendidos como soluções distintas para o problema da salvação). Dominação ou adaptação ao mundo são as respostas extremas à tensão entre símbolos em sistema por um lado e mundo (o lugar da finitude, da injustiça e da escassez). A demanda por sentido é o motor do mundo para um ser que encontrou sobrevivência produzindo redes de símbolos. O nascimento do simbolismo, descrito no primeiro parágrafo da sociologia da religião na coletânea de textos póstumos “Economia e Sociedade”, deve ser entendido como uma teoria da cultura. O ser humano vive criando e criado por e em quadros de significação. Eles possuem uma dinâmica interna: uma pressão por sistematização e abstração crescente. Esse trabalho é realizado por especialistas em símbolo (magos, sacerdotes, profetas e cientistas). É essa dinâmica que dirige os processos de racionalização e produz, na modernidade, a autonomização das esferas de valor. Depois do primeiro nível de abstração, segue-se a “era axial” na qual em várias culturas entre os séculos IX e IV a.C. se produziu o segundo nível de tensão entre ordem do mundo e ordem simbólica. Sistemas religiosos diversos substituem o mundo da magia e instalam um tipo de pressão ampliada pois a ordem cósmica ou a vontade do deus não pode mais ser negociada. Segue-se o terceiro momento, a era da possível autoconsciência da dinâmica sócio-histórico-simbólica de todo o processo. Mas é exatamente isso que é impedido por uma “gaiola de ferro” dos sistemas de significação e ação por nós mesmos construídos e que ganham autonomia. A única chance é o trabalho das ciências da cultura (História e Sociologia) e a possibilidade de instalar um nível de reflexão que nos torne conscientes da estrutura e dinâmica das coisas que portam símbolo e dos mundos sociais e históricos que as criam e são por elas criados. A teoria

da modernidade em Weber está articulada a sua teoria da cultura. Todo o esforço de fundamentação das “ciências da cultura” tem esse sentido. Schluchter, Habermas e Peuckert são os descobridores desse interesse terapêutico que dirige a obra de Weber.

8 – O programa de pesquisa do sociólogo de Heidelberg é uma arma kantiana contra os naturalismos (só conhecemos tencionando modelos e realidades), mas também contra as hipóstases (só a assunção de pontos de vista valorativos nos previne da confusão entre ideia e realidade). Com Weber o conceito de ciência das coisas humanas se torna possível: explicação como compreensão, causalidade contextualizada pelo saber dos códigos e sua interação, controle lógico pela via dos tipos ideais, controle empírico pelo trabalho de mútua interação entre a generalização da Sociologia e particularização da História. Comparação, formalização e compreensão são as fórmulas do saber interessado em interesses. Estes são de caráter material e ideal: ação orientada por valores, valores produzidos por práticas. A ciência das coisas que portam símbolos se torna possível, sobretudo, pela produção de uma história da cultura que tornou possível tal projeto. Esse é o sentido da investigação da modernidade e suas variações. Weber mantém um diálogo tenso com a Filosofia da História: o interesse no sentido da experiência passa a ser entendido como tendo diversas direções possíveis e como resultado da interação de diversos níveis e dimensões. O interesse de conhecimento, um problema de cada vez, passa a fornecer o critério para a montagem dos procedimentos e utilização dos materiais. Só um saber sistemático, no sentido da assunção dos valores que o constituem (“o conceito de cultura é um conceito de valor”) pode lidar racionalmente com fenômenos que portam valores. A “causalidade adequada” que explicará uma situação poderá então ser estabelecida e a “possibilidade objetiva” de uma tendência localizada.

9 – Uma teoria da ação (agimos orientados com relação a interesses materiais ou ideais: tanto o sucesso como o afeto tem sentido), uma teoria da lógica de construção e uso de conceitos no âmbito das ciências da cultura (o tipo ideal é o conceito criado por uma ciência generalizante, a Sociologia; ele também torna possível a ciência da realidade, a ciência de caráter individualizante, a História) e uma teoria dos macroprocessos de estruturação e mudança como racionalização (a história sociológica e a sociologia histórica estudam as origens, sustentação e fragilidades do capitalismo, dos Estados modernos e dos processos de modernização) são as contribuições básicas de Weber. Ele solucionou um problema central da fundamentação das ciências da cultura (a crise do

historicismo como relativismo) distinguindo relação a valores de juízo de valor. Reabilita a interpretação interessada baseada em problemas significativos para cada cultura e apresenta os procedimentos que permitem o recorte controlado de contextos, a compreensão, a produção de modelos e a comparação de configurações. História e Sociologia da cultura que produziu tais disciplinas: reflexão ou morte.

10 – Weber é um teórico da modernidade como racionalização. Moderna é a época que perdeu a capacidade de fundamentar seus valores em uma totalidade garantida por qualquer que seja a concepção do sagrado. As culturas modernas são soluções para esse déficit de sentido. As ciências da cultura possuem uma função terapêutica. O estudo das ordens sociais e de sua dinâmica é o único sucedâneo para esse problema de fundo existencial. Como seres carentes de sentido – humano é o ser que adquiriu a capacidade de lidar comunicativamente com coisas que substituem: os códigos ou linguagens. A teoria da cultura de Weber (resumida no primeiro parágrafo da Sociologia da Religião na coletânea de textos póstumos denominados “Economia e Sociedade”) assim como sua epistemologia (Conceitos Sociológicos Fundamentais) devem ser entendidas como raros arroubos de esperança em uma obra cujo tom é o de resignação. Eisenstadt, Schluchter, e Peuckert já mostraram o Weber modernista, trágico, tardo-romântico e anti-fundamentalista, essencial para a pesquisa do nosso tempo.

11 – Weber é um teórico da cidade como racionalização. Cidade é autonomia e mercado. Significado político e econômico é enfatizado: diferentemente de Braudel (a teia de contatos), de Benjamin (o indivíduo urbano), de Simmel (o lugar da trocabilidade absoluta). Os modos de fundação (extensão da casa de um príncipe ou ajuntamento de comerciantes) indicam o que é dominante: o mercado, como demanda local - da casa do príncipe ou dos cidadãos-abastecida local e regionalmente. Então, é o caráter dessa demanda que se torna relevante. Produzida por consumidores ou por produtores, é o tipo de atividade que conta para a característica que interessa a Weber, o fato de a cidade poder ser a sede de uma associação reguladora, ou seja, o relevante é que a cidade exista como associação autônoma, que possua uma autoridade, que implemente uma política econômica e para isso, produza instituições políticas e administrativas próprias. Weber fala de princípios impositivos: a propriedade na cidade depende de seu caráter como fortaleza. Na Europa, o habitante da cidade sustenta a sua defesa e com isso o príncipe perde o monopólio dos lucros. Os burgueses passam a escolher as

autoridades administrativas e judiciais. Tudo em Weber está dirigido pela compreensão do presente e das instituições liberais que a ele interessa defender. A democracia nasce da autonomia urbana e do contraste estamental que a cidade produz: uma política de consumidores devedores na cidade antiga ou uma política de produtores e credores na cidade medieval. Comparação, compreensão e formalização: a fórmula é dirigida pelo interesse e aplicada a um problema. A sociologia de Weber além de ser, como diz Veyne, uma demonstração do que pode ser uma história total (se assumir sua vocação comparativa e sua ambição de erudição detalhista) guarda o sonho iluminista de ciência libertadora.

13 – Só uma ciência comparativa, formalizadora e compreensiva poderá sustentar o projeto de produção de um saber racional dos fenômenos simbólicos. A cultura que produziu a reflexão sobre a especificidade e novidade deste tipo de saber foi a mesma que criou a jaula de ferro (o sistema social da racionalidade instrumental). Gestar a responsabilidade radical é chance e função das ciências humanas. Max Weber é um dos pilares do engajamento das ciências humanas não o príncipe da resignação. Tal posição é marcada pela assunção de que há uma relação necessária entre conhecimento e interesse e que no âmbito das ciências histórico-hermenêuticas ela é de caráter prático: diferentemente do conhecimento técnico, de controle da natureza, que caracteriza as ciências empírico-analíticas. A produção de sentido - sentido é moeda rara no tempo desmagificação - é o motor daquela área de atividade que se caracteriza pela ordenação, aperfeiçoamento, interpretação e desconstrução de quadros de significação.

14 – Weber é fruto do pensamento histórico e do historicismo. O movimento da ciência do espírito no século XIX resultou de uma mudança geral acelerada que impulsionou a reconstrução das formas de realização passadas da experiência humana. Os problemas de fundo continuavam sendo identidade e orientação. O historicismo dirigiu-se ao conhecimento das ações, pensamentos e paixões humanas no passado para, garantir a capacidade de ação e significação dos participantes do sistema social. Daí sua insistência no sentido constitutivo da história. Como produto do espírito e da ação humanas este sentido poderá ser apreendido a partir de uma concepção metodológica hermenêutica. Essa herança da filosofia da história idealista foi acompanhada pela ênfase na especificidade de cada momento do processo. Uma concepção orgânica de natureza e conhecimento alimentou o pensamento da diversidade. A novidade da epistemologia de

Weber foi assumir essa concepção alargada de ciência e não abrir mão do núcleo dos procedimentos desenvolvidos no âmbito do saber da natureza: controle lógico-empírico das afirmações analíticas e compreensão intersubjetivamente controlada de contextos, códigos e ações orientadas por interesses. A afirmação da natureza híbrida das ciências da cultura. Só um saber sistemático, no sentido da assunção dos valores que o constituem, pode lidar racionalmente com fenômenos que portam valores. Daí a necessidade de uma história cultural do Ocidente. A cultura que produziu a ideia de conhecimento racional (argumentativo e reflexivo) tem que reconstituir a genealogia dos valores que são responsáveis por tal projeto. Por ciência da cultura deve-se entender a forma de produção do conhecimento caracterizada pela utilização sistemática do conceito (a unidade do que está nele subsumido) e do controle empírico (os dados apresentados aos sentidos oferecem os limites no interior dos quais deve-se movimentar a busca do conhecimento) na compreensão dos eventos significativos. As ciências da cultura (História e Sociologia) devem dividir tarefas: a História deve fazer o inventário das diferenças com a ajuda dos resultados produzidos pela Sociologia entendida como exercício da relação entre conceitos e busca de regularidades no material histórico. Por isso, déficit teórico é tão daninho em História quanto o anacronismo. Da mesma forma, não existe Sociologia sem comparação.

15 – O raciocínio histórico como trabalho individualizador aliado ao esforço de formalização como exercício em espaços virtuais representa uma solução para a crise do Historismo. O paradoxo do Historismo é que a defesa da tese de que a substância só pode ser conhecida no tempo implica a ideia de mudanças substanciais: a diacronia ataca o âmago da sincronia. Todo pesquisador do Historismo sabe que uma valorização das diferenças é o que resulta da aceitação do princípio de que a essência de uma entidade histórica está em sua história. O historicismo de Weber é tensão entre diacronia e sincronia. A tese historicista (a chave de uma entidade está em sua história) é o resultado do afastamento da filosofia do Direito Natural que afirma que as substâncias não se alteram no tempo. Para o Iluminismo, os objetos da realidade podem ser representados por proposições verdadeiras, organizadas em termos-sujeitos a que correspondem predicados ou propriedades. Aristóteles é alterado no Historismo pela aceitação de que as substâncias são passíveis de história. O conhecimento dessas diferenças substanciais é o programa da ciência da História. Tal conhecimento é

produzido construtivamente: esquemas, ideias ou metáforas podem ordenar os acontecimentos porque eles estão já estruturados. A isso se chamou razão na história. Atualizar o Historismo é purgá-lo dessa estrutura e dessa continuidade. No caso da razão, aceitá-la como significado contextual e relacional: ampliar o espaço do que foi construído. A ênfase é dada ao detalhamento e independência das diferenças (um dos termos da dialética inerente ao Historismo). Esse é o sentido da pesquisa sobre o mundo da vida e da aproximação com a Antropologia Histórica weberiana. A História das Mentalidades e a Micro-História realizaram essa aproximação. Produzimos hoje História Sociológica ou Sociologia Histórica. O estranho não está só na cultura do outro. O outro está também no passado. O Historismo mudou para continuar o mesmo: o saber da resignação (a jaula de ferro) possui caráter libertador (saber do saber). Não há objetos fixos reconhecíveis. Os objetos são fixados e essa definição tem história. Esse é o problema do efeito do real: o texto cria mais que reflete. Só um realismo ingênuo ignora que linguagem e realidade se confundem no mundo da cultura, dos símbolos ou valores. Este é o mundo da representação como substituição. O objetivismo, a teoria da verdade como coincidência, o referencialismo não dão conta dele. O textualismo também não: ele é outra forma de redução que esquece a diferença entre escrita e pesquisa. A filosofia da história pode e deve contribuir para a filosofia da ciência. As soluções realistas ou instrumentalistas não ajudam no império dos sentidos. Não há solução final, uma receita, uma chave para tudo. Só temos conhecimento provisório e refutável. O que conseguiremos - se conseguirmos - é continuar trabalhando em um mundo tenso, carregado das pressões que nos chegam da linguagem e do real. Trata-se de não ter medo das misturas. Isso não quer dizer que esforços de delimitação são infrutíferos: precisamos também de limites. Mas sempre haverá áreas ainda não submetidas a escrutínio. Nelas devemos nos preparar para viver paradoxalmente. Weber nos alertou e nos armou para tanto.